

FACULDADE METROPOLITANA DO ESTADO DE SÃO PAULO

ALCILENE DO NASCIMENTO SILVA

**ENTRE A SALA DE AULA E O COTIDIANO:
POR QUE A DISCIPLINA DE HISTÓRIA NÃO ENCANTA?**

RIBEIRÃO PRETO - SP
2025

ALCILENE DO NASCIMENTO SILVA

**ENTRE A SALA DE AULA E O COTIDIANO:
POR QUE A DISCIPLINA DE HISTÓRIA NÃO ENCANTA?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador:
Larissa Prado Roitberg

RIBEIRÃO PRETO - SP
2025

Catálogo-na-Publicação
Biblioteca METROPOLITANA

Silva, Alcilene do Nascimento

Entre a sala de aula e o cotidiano: por que a disciplina de história não encanta? / Alcilene do Nascimento Silva - Ribeirão Preto 2025.

Orientador:

Monografia (graduação) - Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo, graduação em História, 2025.

30 f.

1.O distanciamento entre currículo escolar e o cotidiano dos alunos / 2. Metodologias de ensino tradicionais versus práticas inovadoras / 3. A desvalorização social da disciplina de História / 4. A importância da História para a formação cidadã e crítica, Roitberg, Larissa Prado.

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO DE COMUNICAÇÃO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE E COMUNICADO AOS AUTORES A REFERÊNCIA DA CITAÇÃO.

Ribeirão Preto, 15 / 7 / 2025

Assinatura:

Agradeço a Deus por ter me conduzido
durante a elaboração do trabalho e dos estudos.
À minha mãe que sempre vai ser minha inspiração. Por ela ter valorizado a
educação, mesmo sem ter tido acesso à ela.
Sem esquecer da professora Maria José, que me fez
apaixonar pela disciplina de História!

"A história não é o que aconteceu.
A história é o que se conta sobre o que aconteceu."
Michel de Certeau

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo entender os motivos pelos quais a maioria dos alunos não se encantam pela disciplina de história. Apresentar situações de sala de aula, de forma estabelecer um paralelo crítico entre as metodologias aplicadas e a vivência da história no cotidiano dos alunos, verificando que essas ações corroboram para o distanciamento dos alunos nos contextos históricos, de forma a não se verem como pertencentes dos aspectos sociais que os fazem dissociarem-se de processos transformadores das sociedades. O trabalho busca analisar o tipo de abordagem utilizada na sala de aula, desvinculadas das experiências e saberes dos alunos. Para nortear as reflexões ou questionamentos do tema, foram elaborados objetivos alinhados com o contexto, para assim tornar as possíveis causas e soluções plausíveis e passíveis de serem revistas. Ainda com finalidade de compreender o distanciamento da maioria das pessoas, sejam educandos ou não, da história que fazem parte e que foram constituídos enquanto seres em evolução, foi atrelado ao trabalho, questionário para melhor clareza do posicionamento desses e gráfico para uma leitura clara dos posicionamentos dos entrevistados. Serão apresentadas propostas pedagógicas inovadoras conectando o passado e o presente, valorizando a investigação e a participação do aluno, tornando-o protagonista de momentos históricos, considerando o contexto familiar e sua cultura neste processo, aproximando-os do conhecimento histórico de forma contextualizada e engajadora.

Palavras-chaves: Encantamento. Metodologias Ativas. Propostas pedagógicas inovadoras. Engajamento. Distanciamento.

ABSTRACT

This capstone project aims to understand the reasons why most students are not captivated by the discipline of history. It will present classroom situations to establish a critical parallel between the methodologies applied and the experience of history in daily life, verifying that these actions corroborate the students' distancing from historical contexts, leading them not to see themselves as part of the social aspects that make them dissociate from transformative processes of societies. The work seeks to analyze the type of approach used in the classroom that is detached from students' experiences and knowledge. To guide the reflections or questions of the theme, objectives aligned with the context were developed, thus making the possible causes and solutions plausible and reviewable. Furthermore, with the aim of understanding the detachment of most people, whether students or not, from the history they are part of and by which they were constituted as evolving beings, a questionnaire was attached to the work for better clarity on their positions and a graph for a clear reading of the interviewees' positions. Innovative pedagogical proposals connecting the past and the present will be presented, valuing student investigation and participation, making them protagonists of historical moments, valuing their family context and culture in this process, bringing them closer to historical knowledge in a contextualized and engaging way.

Keywords: Engagement. Active Methodologies. Innovative Pedagogical Proposals. Student Involvement. Detachment.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
1.1 Problematização	9
1.2 Justificativa	10
1.3 Objetivos	11
1.3.1 Objetivo geral	11
1.3.2 Objetivos específicos	11
2 DESENVOLVIMENTO	13
2.1 A importância da História para a formação cidadã e crítica	13
2.2 O distanciamento escolar e o cotidiano dos alunos	15
2.3 A desvalorização social da disciplina de História	17
2.4 Metodologias de ensino tradicionais X Práticas inovadoras	19
2.5 Revisão de leitura	22
2.6 Metodologia	25
1. REFERÊNCIAS	27
2. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29

Keywords: Engagement. Active Methodologies. Innovative Pedagogical Proposals. Student Involvement. Detachment.

PROBLEMATIZAÇÃO

A História enquanto área de conhecimento, nos norteia de quem somos embasada na evolução humana. Fatos e acontecimentos foram e são relevantes pois estão intrinsecamente ligados à nossa existência. Saber quem somos enquanto pessoas e sociedade nos remete refletir sobre as conquistas e aprimoramentos da sobrevivência de nossos antepassados. Entender nosso contexto é voltarmos às nossas origens nos aproximando desse processo, pois somos e fazemos parte da história, e isso nos faz ressignificar a sociedade que estamos inseridos, onde nossos hábitos decorrem do passado.

A falta de encantamento e pertencimento pela história estão atrelados aos métodos em que o aluno é excluído do processo de construção da própria história e consequentemente da história do seu país. São aulas mecanizadas e descontextualizadas da vivência dos estudantes, que descartam os seus saberes particulares tornando a disciplina não atrativa.

Mas, se a história é importante, por que essa área do conhecimento é banalizada, desvalorizada e ocupa o lugar de menos preterida entre os estudantes? Será que não é o momento de revermos a forma como essa importante disciplina é apresentada, ou ainda, apresentarmos a história de forma não dissociada de nossa atualidade que possa dialogar com as vivências dos alunos?

Esse trabalho tem como objetivo, refletir e encontrar possíveis estratégias para que tenhamos pessoas críticas, conscientes e capazes de estabelecerem relações entre o passado e o presente. Apresentar a história como uma importante ferramenta no processo de transformação que inicia no universo escolar e vai para além dos muros, sendo capaz de mudar ou manter a identidade de um país; a história como um instrumento vivo e mutável que auxilia na leitura e compreensão de mundo.

JUSTIFICATIVA

A escolha deste tema parte da necessidade de compreender as dificuldades no ensino-aprendizagem da História, especialmente no contexto escolar atual, onde os alunos estão cada vez mais conectados com linguagens digitais, rápidas e visuais.

Entender as razões do desinteresse pela disciplina permite não só uma reflexão sobre a prática docente, mas também propicia a busca por estratégias mais atrativas e significativas. Assim, este trabalho visa contribuir para melhoria da prática pedagógica e para o fortalecimento da relação entre a História e a vida dos estudantes.

OBJETIVO GERAL

- Analisar os fatores que tornam a disciplina de História pouco atrativa para os estudantes, refletindo sobre os desafios e possibilidades de tornar o ensino significativo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar a percepção dos alunos sobre a disciplina de História;
- Compreender como as práticas pedagógicas podem influenciar no interesse ou desinteresse pela História;
- Refletir sobre estratégias que aproximem o ensino de História do cotidiano dos estudantes.
- Aproximar o estudante, de forma que ele estabeleça vínculo entre o passado, presente e futuro.

INTRODUÇÃO

A História nos orienta sobre nossa identidade, enraizada na evolução humana. Fatos e acontecimentos passados e presentes estão intrinsecamente ligados à nossa existência, convidando-nos a refletir sobre as conquistas e o aprimoramento da sobrevivência de nossos antepassados. Compreender o contexto atual exige retorno às origens, aproximando-nos de forma contínua com fatos e acontecimentos históricos, pois somos parte desse processo, ressignificando a sociedade em que vivemos e reconhecendo como nossos hábitos são heranças do passado.

O texto levanta questionamentos cruciais sobre a desconexão entre alunos e a disciplina de História, contrastando-a com as ações e escolhas que moldam a sociedade em que estão inseridos. Um ponto central é a didática dos professores, que frequentemente falha em dialogar com a realidade dos estudantes. Conforme Paulo Freire (1974), a leitura do mundo deve preceder a leitura da palavra; sem essa prática, os alunos se afastam de um aprendizado genuíno e significativo. Outro aspecto dessa lacuna é a maneira como a História é socializada, muitas vezes negligenciando os avanços tecnológicos. José Moran (2019) destaca que a transformação digital e as ações pedagógicas, como metodologias ativas, ocorrem em um ritmo incompatível com a sociedade contemporânea.

Este trabalho tem como principal objetivo analisar as causas desse distanciamento e propor mudanças. Por meio de reflexões ele busca apontar possíveis caminhos para que a disciplina de História recupere seu espaço e importância entre os cidadãos, promovendo a criticidade, autonomia e evolução consciente. Para isso, foi utilizado um questionário, cujos dados serão analisados de forma quantitativa (interesses) e qualitativa (experiências pessoais), além de apresentar subtemas relevantes para uma conclusão clara.

DESENVOLVIMENTO

A importância da História para a formação cidadã e crítica

O desinteresse pela disciplina de história é tão significativo quanto a importância da disciplina em si, em sala de aula e romper com o olhar turvo diante da matéria, tão questionada sobre sua relevância é um desafio para os professores, que há princípio conseguem bom êxito, nas primeiras séries dos iniciais, pelo fato dos alunos, em idade infantilizada, associam a história como uma história de faz de conta.

O questionamento advindo dos alunos é: Por que e para quê, aprender história? Com essa questão em pauta, não conseguem associar o seu cotidiano, o legado vivido pela atual sociedade, a forma de vida, o que falamos, como falamos e nosso instinto de sobrevivência que além do fator biológico, está atrelado a contextos históricos que nos permite evoluir. Os alunos não conseguem enxergar a história em seu dia a dia, com isso, se mantém em lugar cômodo longe de questionamentos e criticidade de como se vive. É percebido por eles, o excesso e a complexidade dos conteúdos os quais são parecem abstratos e distantes.

Em sala, há um duelo de posições e conceitos. Os alunos alegam que a disciplina em questão é “chata”, sem “significado”; o que soa familiar desde muito tempo, onde os estudantes reivindicam aprendizado significativo e os professores por sua vez, apontam que esses são passivos, dispersos, sem curiosidades para pesquisa, para aprender. O fato é que a história é uma área de conhecimento muito importante e essencial para a construção da consciência crítica, da cidadania e da compreensão dos processos sociais. O desafio é encontrar propósito para que essa aprendizagem ocorra e o desafio maior é como fazer isso acontecer.

“A História não é apenas o estudo do passado, mas uma maneira de compreender as dinâmicas sociais que moldam o presente e orientam o futuro.” (CARDOSO, *Ciro F.*; VAINFAS, *Ronaldo. Domínios da História. 1997.*) Tal pensamento, adverte que podemos, sem conhecimento e não percebendo, o sentido de nos aproximar de fatos históricos que nos definem enquanto

sociedade, cometer erros ou sermos coniventes com eles, pelo simples fato de estarmos na ignorância, de não conhecermos quem somos. Ainda em complemento ao pensamento de Ciro Flamarion Cardoso, Jörn Rusen argumenta que a história, como disciplina científica, não é meramente uma reprodução do passado, mas sim uma construção racional de sentido que emerge da prática humana e suas necessidades de orientação no tempo. (RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica: teoria da história – os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora da UnB, 2001).

Percebendo os motivos que afastam os alunos do estudo da História — uma ciência que esclarece, revela e atribui significados à experiência humana —, o professor pode abordar sua importância não apenas no que se refere às sociedades antigas, mas na compreensão da própria vida cotidiana. A História não é crucial apenas para conhecermos nossas origens, mas também para entendermos os caminhos pelos quais estamos avançando. Ensinar História é revelar ao estudante que ele é parte desse processo histórico, com toda a sua complexidade, diversidade e convergência de sentidos. É compreender que mudanças e permanências constituem legados, pois a sociedade se transforma e, com ela, seus conceitos, valores e atitudes. Assim, a relação entre teoria e prática histórica é dinâmica e dialética, configurando uma ação concreta que transforma a realidade e, simultaneamente, transforma o próprio sujeito, mas para que isso ocorra, precisa fazer sentido.

O distanciamento escolar e o cotidiano dos alunos

Mas sabendo que essa ciência é importante para a construção de consciência crítica, por que ela não é preterida e por muitas vezes odiada pelos estudantes? Algumas hipóteses são levantadas e parece unânime entre estudiosos, filósofos e pensadores atuantes na área da educação. Essas, são vistas como barreira para que os estudantes abracem e sintam-se “engajados” para aprender história e todas estão relacionadas à prática docente.

Um dos questionadores da prática docente foi o filósofo e educador, Paulo Freire. Para ele, o conceito de ensinar está intrinsecamente ligado ao ato dialógico, ético e político. Para ele, o professor não deve se limitar a transmitir conteúdos, mas criar condições para que os estudantes desenvolvam consciência crítica sobre a realidade em que vivem (*Pedagogia da Autonomia*, 1996). Isso está atrelado à valorização dos saberes que os alunos já adquiriram em outros contextos e grupos sociais, o que constitui um princípio inerente à escola e à prática educativa; com isso, valorizar o conhecimento prévio dos alunos, promover o diálogo como fundamento do processo educativo e incentivar a participação ativa e reflexiva. Diante disso, a sala de aula é o lugar para a construção coletiva de saberes onde o objetivo é a aprendizagem mútua, simultânea entre aluno e professor, e esses se reconhecem como sujeitos históricos capazes de interpretar e transformar o mundo e sua realidade.

Ao adotar prática docente diferenciada exige que o professor desenvolva autonomia e criatividade para construir situações de aprendizagens que tenham significados aos alunos. Nessa prática, a forma de avaliação formativa, que vai acontecendo durante o processo de aprendizagem e forma reflexiva permite que o aluno se reconheça nesse percurso. Algumas ferramentas como diários que levam o educador refletir sobre suas ações e sobre como o aluno corresponde às etapas que vão se estabelecendo nesta relação, são de extrema importância pois ampliam os resultados nas dimensões cognitivas, afetivas e emocionais da aprendizagem.

Donald Schön enfatiza que o professor é um “profissional reflexivo”, cuja competência se constrói na capacidade de pensar sobre sua prática em ação (*Educando o Profissional Reflexivo*, 2000). A ideia conversa com a proposta de que o professor deve vivenciar o processo, assim como o aluno e aprender com ele, só assim haverá uma “formação permanente” — segundo Freire denomina.

Segundo Freire, a mudança na prática docente está nas seguintes ações: diálogo e negociação, reconhecendo o aluno como protagonista no processo de aprendizagem, onde o professor passa a ser o mediador desse contexto, não reduzindo ao aplicacionismo. É relevante nesse contexto de aprendizagem que essa seja compreendida e significada no aspecto coletivo; tal ideia é reforçada pelo autor Jörn Rüsen, “a aprendizagem histórica cumpre a função de orientar a vida prática” (*Razão Histórica*, 2001), dessa forma, trará a transformação; por isso, a prática docente torna-se um ato ético, político e estético, onde a sustentação desses pilares estão no compromisso com a participação, a criticidade e a construção compartilhada do saber adquirido.

E por fim, para que a proximidade do indivíduo com os contextos históricos aconteça é preciso estreitar o vínculo deste com a disciplina de história onde requer do professor um olhar diferenciado sobre a filosofia antes por ele adotada; se trata do professor com um novo olhar frente ao processo de aprendizagem, onde a educação bancária, segundo Paulo Freire, não é o melhor caminho. Além desse olhar é importante que esse profissional tenha o conhecimento fundamentado que justifique para si, mudanças em sua prática, reconhecendo que não basta ter informação e sim o que fazer e como fazer com ela, no aspecto cognitivo. Vai requerer uma visão renovada na qual a formação crítica seja desenhada a favor do aprimoramento de uma cidadania ativa, onde a sociedade contemporânea tem priorizado indivíduos com novas habilidades e capacidades antes não exigidas e hoje consideradas novas formas de participação social, além de profissional e esse professor precisa estar atento a essas mudanças e estar flexível para acompanhá-las.

A desvalorização social da disciplina de História

A disciplina de história enfrenta críticas por grande parte dos historiadores, na forma como ela é ministrada em sala de aula. Uma das grandes pesquisadoras com foco na Educação Histórica, Maria Auxiliadora Schmidt, apresenta alguns pontos relevantes, justificando o motivo da banalização e desvalorização da sociedade frente a essa disciplina. Para ela, assim como para Jörn Rüsen, o estudante precisa ser despertado para desenvolver capacidade de articulação entre diferentes tempos e fatos históricos, mas que essa ação vai surgir a partir do momento em que os professores considerarem os saberes dos alunos e incorporá-los em sala de aula, dando sentido ao que vivenciam atrelado com legados culturais de outras sociedades, movidas no espaço e no tempo.

Para a autora as causas dessa desvalorização X banalização vem da prática do professor, de sua didática que mantém métodos tradicionais de ensino como a memorização de fatos e datas, distanciando-se da ligação entre esses e o presente. Nesse contexto a disciplina de história não está fadada apenas a ser “desinteressante”, mas passa a ser “menos útil” em comparação às disciplinas tradicionais e básicas, matemática e português e que são necessárias para o mercado de trabalho, desconsiderando o ser, a sociedade e passa a não ter sentido a origem do ser humano e toda a evolução adquirida até o presente momento, desencadeando uma distorção sobre a função formativa dessa disciplina que é interpretar processos sociais, conflitos e identidades.

Um dos fatores tão significativos quanto à prática pedagógica dos professores, que corroboram para uma rejeição quase unânime da disciplina de história, é o excesso de conteúdos adotados pelas escolas brasileiras, juntando-se a esse, carga horária limitada, a escassez de materiais pedagógicos críticos e as lacunas na formação inicial dos professores; fugindo de como se deve acontecer o processo de aprendizagem, de forma dinâmica, investigativa e significativa, onde o estudante é incentivado a participar e

compartilhar sua história e a partir dela, se perceber no contexto histórico, se identificar. A autora aponta a necessidade em superar esses obstáculos que estão enraizados em nossa cultura, possibilitando assim que a disciplina de história assuma o protagonismo, relevância e desempenhe o seu papel social.

Ao compreender processos históricos, o estudante desenvolve habilidades de análise, argumentação e interpretação da realidade social e por isso o estudo de história não pode ser reduzido ao compartilhamento de informações onde o estudante ouve de forma passiva, distante da criticidade das narrativas únicas que são expostas; narrativas essas incutidas de valorização à outras culturas, isenta de informações importantes que fizeram parte de um contexto de resistência e conquistas. Então a história tem o papel de promover a reflexão sobre as narrativas muitas vezes apresentadas que disputam sentidos na sociedade contemporânea, além de formar o repertório de identidade nacional.

Metodologias de ensino tradicionais X Práticas inovadoras

Em concordância com alguns pesquisadores e historiadores que questionam sobre o quanto a disciplina de história tem sido esquecida em sua forma genuína de transformação, algumas metodologias têm surgido e colaborado para mudar o cenário atual; mas nada de fato ocorre sem que haja, por parte do professor uma mudança na prática educativa e essa só acontece a partir do momento em que o professor refletir criticamente e realinhar a sua prática pedagógica, única forma de criar possibilidades que despertem a curiosidade investigativa do aluno. O foco deixa de ser o ensinar meramente para cumprir prazos ou conteúdos estabelecidos e desloca-se com ênfase no aprender, superando os métodos tradicionais onde priorizam a memorização e ações individuais do estudante, além da competitividade. Nesse mesmo modelo as aulas expositivas são marcadas por pelos registros e pela linguagem oral; estratégias pelas quais conduzem os alunos a decorar datas, fórmulas e informações sem significado, gerando dificuldades para aplicar esse conhecimento em situações concretas.

Diante desse cenário, as universidades, formadoras de novos profissionais docentes, precisam também rever a forma como abordam a prática educacional, articulando formação humanística e científica às transformações tecnológicas e contemporâneas. Como apontam MOran, Masetto e Behrens, cabe à educação superior oferecer situações de aprendizagem que desenvolvam autonomia, colaboração e pensamento crítico, enquanto os alunos e professores permanecem em permanente processo de aprender a aprender. Nesse contexto, o conhecimento assume formas oral, escrita e digital, sendo esta última essencial na sociedade conectada, marcada pela velocidade da informação. A escola, portanto, não passa ilesa aos impactos tecnológicos exigindo práticas pedagógicas fundamentadas em ética, criticidade e uso consciente das tecnologias. Eis o desafio atual dos educadores: integrar a tecnologia, algo presente na vida dos alunos e de

grande relevância, de modo transformador, instrumentalizando docentes e alunos para agir e interagir em um mundo cada vez mais complexo.

A urgência por uma transformação educacional torna-se evidente em uma sociedade permeada por mudanças rápidas, impulsionadas pela cultura digital e pela circulação instantânea de informações. Conforme destaca Kenski (2012), “as tecnologias digitais alteram profundamente os modos de aprender, ensinar e relacionar-se com o conhecimento”, exigindo que a escola desenvolva práticas mais dinâmicas e adaptáveis. Nesse cenário, as metodologias ativas ganham destaque ao promover estratégias de aprendizagem que colocam o estudante no centro do processo, valorizando sua participação, autonomia e capacidade de reflexão. Para Moran (2018), “as metodologias ativas criam ambientes desafiadores e motivadores, em que os alunos aprendem fazendo, interagindo e tomando decisões”, superando o ensino tradicional centrado apenas na transmissão de conteúdos. Assim, o papel do professor também se redefine: ele assume a função de mediador, facilitador e orientador, criando pontes entre os saberes sociais dos estudantes e as experiências investigativas realizadas em sala de aula. Como afirma Freire (1996), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção”, reforçando a importância de práticas pedagógicas que ampliem a criatividade, o compartilhamento e a construção coletiva do conhecimento. Dessa forma, a escola se torna um espaço de descobertas que responde às demandas contemporâneas e favorece o desenvolvimento integral dos sujeitos.

Como se percebe, as mudanças necessárias para que a disciplina de história seja valorizada, se torne interessante e viva, está nas redefinições das ações do professor, aquelas que vão impactar e aproximar o aluno do mundo significativo cheio de pertencimento à história, isso faz com que haja reconhecimento e engajamento vivo como sujeito histórico, o que exige a superação da pedagogia de reprodução de conteúdos para fomentar o desenvolvimento da consciência histórica, para isso, preciso uma articulação de metodologias que valorizem as experiências e a realidade social imediata do aluno (contextualização e história local), permitindo que o conhecimento supere a abstração e adquira significado prático e orientador. Ao estar

capacitado para estabelecer relações críticas entre o passado, o presente e o futuro, o estudante instrumentaliza-se para a intervenção consciente na sua realidade social.

A história ajuda pessoas e grupos a refletirem sobre si mesmos e a entenderem quem são. Ao interpretar o passado, cada grupo consegue construir sua identidade e compreender seu lugar na sociedade. Além disso, essa reflexão histórica permite que indivíduos e comunidades enfrentem, com mais autonomia, os desafios e dúvidas do presente - os “problemas de orientação temporal” - porque passam a entender melhor de onde vieram, onde estão e para onde podem ir.

Revisão de leitura

É notório que a disciplina de história vem enfrentando desinteresse e, e não é um problema recente, justificado por meio dos propósitos formativos e o cotidiano dos estudantes, que se distanciam do que é apresentado em sala de aula gerando a sensação de inutilidade mesmo sendo essa disciplina de uma área da ciência que contribui para o desenvolvimento da consciência crítica, os alunos não a vê como relevância em sua prática. Como mencionado, não é uma problemática recente sendo por esse motivo, que estudiosos, pensadores e docentes discutem os motivos e estratégias para que esse desânimo atrelado à disciplina seja rompido e que os alunos percebam que fazem parte do contexto histórico em seu período. Para Paulo Freire (1996), o distanciamento do aluno com relação à disciplina de história está relacionado à prática docente, destacando que ensinar é ato dialógico, ético e político e para isso afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção”. Dessa forma, o professor estará valorizando os saberes já existentes em cada aluno que adentra a sala de aula, vendo na prática de reconhecimento de saberes uma forma para estimular o dinamismo, a participação e o diálogo, considerados pelo autor condições fundamentais para que a história faça sentido e passe a ter significado.

Ao caracterizar o professor como “profissional reflexivo” Donald Schön (2000), conduz o docente a pensar no processo de aprendizagem e nas exigências de transformações práticas que este profissional está suscetível, entre elas a autonomia e a criatividade. O autor ainda enfatiza que essa reflexão é contínua, pois só por meio dela, o profissional vai perceber a necessidade e dificuldade dos alunos além de possibilitar a revisão de sua prática em sala, aproximando o conhecimento histórico das experiências reais e das identidades dos estudantes.

Outro autor que afirma que a aprendizagem histórica cumpre a função de orientar a vida prática docente é Jörn Rüsen (2001), que enfatiza que ao

refletir permite que o indivíduo estabeleça relações críticas entre o passado, presente e futuro, permitindo que a história cumpra sua função, compreende o que vive pelo conhecimento de fatos do passado, podendo refletir para mudar o futuro, analisando os contextos de forma crítica assim ultrapassando assimilação de conceitos e datas; mas para cumprir as etapas do processo é necessário intencionalidade, ética e política, compromisso com a participação dos estudantes e a superação de abordagens meramente transmissíveis.

Para Maria Auxiliadora Schmidt (2009), a desvalorização social da disciplina, é analisada e relacionada à insistência e permanência de métodos que não fazem mais sentido, como a memorização de fatos e datas isentos das problemáticas atuais, reforçando a ideia de que as disciplinas de português e matemáticas são importantes para atender o mercado de trabalho, por isso, esquecendo-se da formação do indivíduo no desenvolvimento de identidades, na forma como compreender o seu tempo e a sociedade que está inserido e repertórios culturais. A autora vai além de sua análise, abordando também, para essa problemática de desvalorização da disciplina de história, fatores burocráticos e políticos como: excesso de conteúdos, a carga horária reduzida, a falta de materiais didáticos críticos e lacunas na formação docente; ela parte do olhar em que esses fatores impedem a construção de uma aprendizagem investigativa, contextualizada e significativa tendo como consequência o não reconhecimento do estudante como parte integrada da história e que sua vivência está pautado em sua origem e que a história se conecta, passado, presente e futuro precisa fazer sentido e quando isso não ocorre impede o estudante de compreender seu próprio lugar no mundo.

As transformações tecnológicas e culturais da sociedade contemporânea têm impulsionado a reflexão para que se perceba a urgência em modificar as práticas pedagógicas, onde o modelo tradicional da disciplina de história têm sido revistas. As metodologias inovadoras e ativas surgem como caminho promissor para transformar o aluno de coadjuvante à protagonista nesse processo.

Kenski (2012) e Moran (2018) seguem na mesma direção, abordam que as tecnologias precisam ser aliadas em qualquer disciplina, pois os alunos se vêem motivados a aprender e relacionar-se com o conhecimento, diante de

algo significativo no seu cotidiano. Reforçam que as metodologias ativas estimulam o que os alunos têm aflorado: a curiosidade, expressa por forma investigativa, colabora para expor conceitos e lidar com diferentes argumentos aumentando repertório para tomar decisões mais assertivas, com isso são convocados a abandonarem o lugar de passividade na construção do conhecimento. Com isso, o aluno encontra um ambiente desafiador, cheio de repertórios onde pode desenvolver habilidades e competências necessárias para lidar com o mundo e sua leitura diante dele, com isso o papel do professor se cumpre e se redefine, deixando de ser o transmissor de conhecimento, passando a mediador e orientador, cria pontes entre a realidade social dos alunos e o conhecimento histórico escolar.

Ao articular história local, análise de fontes, investigação de problemas, narrativas diversas e tecnologias digitais, o ensino de História aproxima-se do cotidiano do aluno e recupera sua relevância e esses desafios só podem ser conquistados pelo estudante a partir do refletir, mudança e estratégias repensadas pelo professor e dessa forma a disciplina de história cumpre seu papel de promover a reflexão crítica, orientar a vida prática e favorecer a construção de uma cidadania ativa, capaz de interpretar conflitos, reconhecer múltiplas perspectivas e intervir de forma consciente na sociedade contemporânea.

Metodologia

A presente pesquisa tem característica qualitativa, de natureza bibliográfica e caráter descritivo-analítico. Para a realização desta, o estudo baseou-se na leitura, seleção e interpretação crítica de obras fundamentais sobre o assunto central abordado e os subtemas que o justificam.

Para discorrer sobre o tema central, os autores pesquisados foram **Rüsen** onde defende que para aprender História é preciso aprender a dar sentido ao tempo e orientar-se na vida prática e complementa com a fundamentação de **Schmidt** com a ideia de que o aluno precisa reconhecer-se como sujeito histórico, e que professor deve articular passado - presente - cotidiano para gerar significado e aponta que essa articulação se dá através da reflexão e não como mera transmissão de conteúdos, método criticado pelos autores **Cardoso & Vainfas**.

Foi buscado autores que apresentam sugestões para melhoria no processo de aprendizagem como **Freire** que para explicar o desinteresse dos alunos pelo ensino, alega que este se apresenta de forma mecânica, defendendo uma prática dialógica e significativas, tal ideia é partilhada por outros como **Schön**, acrescentando que ao reconstruir sua prática o professor aproxima o conhecimento da realidade dos alunos e **Charlot**, enfatizando que a aprendizagem acontece quando esta passa a ter sentido. Em complemento às essas ideias que se complementam, os autores **Schmidt e Bittencourt** apresentam serem os motivos anteriores a causa para a perda de sentido social quando pois é reduzida à memorização e **Reich e Hobsbawm** sustentam teoricamente que a perda da consciência histórica leva à desorientação coletiva e ao enfraquecimento da cidadania.

Como possíveis saídas para o distanciamento dos alunos frente à disciplina de história, os autores **Moran e Bacich** dão suporte às metodologias ativas, **Kenski** justifica a necessidade de adaptação da escola à cultura digital e **Vygotsky** fundamenta a importância da interação social, da mediação docente e da aprendizagem contextualizada.

A coleta de dados consistiu na consulta a livros, artigos acadêmicos, documentos oficiais da educação, diretrizes curriculares e materiais audiovisuais utilizados como recurso pedagógico na abordagem dos temas relacionados à formação histórica e crítica dos estudantes. Os textos foram selecionados a partir de sua relevância para compreender como narrativas hegemônicas - sustentadas por ideia de práticas pedagógicas como transformadoras no processo de aprendizagem e no reconhecimento do indivíduo no contexto histórico contemporâneo.

Referências

Autores de História, Educação Histórica e Ensino de História

BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História: fundamentos e métodos.* São Paulo: Cortez, 2004.

BITTENCOURT, Circe. *Cultura escolar e saberes históricos.* São Paulo: Cortez, 2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia.* Rio de Janeiro: Campus, 1997.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX – 1914-1991.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

REIS, José Carlos. *A história: entre a filosofia e a ciência.* 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Autores de Educação, Prática Docente e Relação com o Saber

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria.* Porto Alegre: Artmed, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

SCHÖN, Donald A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.* Porto Alegre: Artmed, 2000.

VYGOTSKY, Lev. S. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Educação Histórica, Consciência Histórica e Práticas de Ensino

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história – os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora da UnB, 2001.

RÜSEN, Jörn. *História viva: teoria da história III – a narrativa histórica*. Brasília: Editora da UnB, 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *O ensino de História e a formação da consciência histórica*. Curitiba: UFPR, 2005.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *Educação histórica e práticas escolares*. 2. ed. Curitiba: UFPR, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *Ensino de História: desafios contemporâneos*. Curitiba: UFPR, 2017.

Tecnologias, Cultura Digital e Metodologias Ativas

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papirus, 2012.

MORAN, José. *Metodologias Ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. São Paulo: Papirus, 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo do processo desta monografia é que mesmo a disciplina de história sendo importante para despertar no aluno a criticidade, enfrenta desafios relevantes, como: fazer com que o aluno se reconheça no processo histórico de sua época, e de se reconhecer nesse contexto, atribuindo significado às suas vivências e relacionando-a com a própria história.

O desinteresse dos estudantes não está pautado apenas na resistência da quantidade de conteúdos compartilhados e por esses serem distantes da realidade dos participantes do processo de aprendizagem - os estudantes, além da memorização e na transmissão unidirecional de informações.

Cardoso e Ninfas (1997), consideram em sua obra, que a história é um instrumento para a compreensão do presente e de orientação para o futuro, e conforme Rüsen (2001), a função formativa só se concretiza quando o estudante consegue atribuir sentido aos processos históricos e estabelecem relação com a própria realidade.

Nesse cenário, é claro o motivo do distanciamento entre escola e as experiências dos alunos que não são consideradas no contexto da aprendizagem, esse exige mudança profunda das práticas docentes, em consonância com Paulo Freire (1996), que afirma que ensinar é dialogar, reconhecer e valorizar os saberes já adquiridos e vindos com os estudantes, pois esses, não podem ser vistos como tábuas rasas, e assim promover a participação ativa e crítica destes.

Em convergência com Maria Auxiliadora Schmidt, aponta que a desvalorização da disciplina está atrelada à forma como o ensino de História tem sido conduzido, distante da vida prática dos estudantes, sintetizado em conteúdos extensos.

Pensar em ensino contextualizado com a realidade do aluno requer uma mudança de lógica educativa, trocando o sentido de educação bancária e além de rever a prática investir em metodologias que despertem a curiosidade investigativa, favoreçam a reflexão e estimulem a construção coletiva do papel

das tecnologias na aprendizagem contemporânea, como defendem MOran, Kenski, Masetto e Behrens.

Uma prática pedagógica onde de fato aconteça a reflexão e o diálogo, esses são capazes de integrar os saberes e orientar o aluno na compreensão crítica das relações entre passado, presente e futuro, são condições indispensáveis para que a disciplina de História assuma o protagonismo e adquira a importância que à ela cabe, onde o sujeito percebe significado individual e coletivo, que esse sujeito faça parte do processo dinâmico da construção histórica da sociedade que pertence.

A História precisa ultrapassar os muros da escola, ela precisa assumir seu papel de construção de uma necessidade social, ética e política, fatores indispensáveis para que os indivíduos e grupos compreendam suas identidades, enfrentem os desafios contemporâneos e atuem de maneira consciente e participativa na construção de uma sociedade mais justa, democrática e crítica.